

ANTONIO TAVERNARD

ACYR CASTRO

Jornalista e escritor. Membro da União Brasileira de Escritores e da Academia Paraense de Letras

Não se pode restringir o poeta Antonio Tavernard ao homem Antônio de Nazaré Frazão Tavernard (1908/1936), ainda que um não exista sem o outro, ou, no mínimo, sem os limites de experiência da cada qual.

Afinal a literatura é mais que um espelho, em cujas obsessões o indivíduo, ao mergulhar, indo fundo, acaba se perdendo. E o digo sob dimensões várias, do alegórico ao simbólico, sem esquecer sua sustentação psicológica.

O filho de Othilio e Marietta, vindo ao mundo na Vila do Pinheiro, hoje Icoaraci, fez o curso secundário no velho ginásio (o Colégio Estadual) Paes de Carvalho em que me assanhei para o mundo, e sofreu, por opção pessoal e do destino, vítima de hanseníase, exílio no chalé de madeira a que chamou de Rancho Fundo. Tinha pouco mais de 27 anos de idade quando o coração lhe parou de bater.

Antônio de Nazaré Frazão Tavernard morreu, e essa morte será definitiva, ou quase, no dia em que se for deste mundo o último de seus parentes e amigos que dele guardem alguma lembrança por pequena. Permanece de pé o "quase": como haverá morte, que é algo em definitivo, se restarão os documentos oficiais que comprovam que um dia, fisicamente, houve um filho de dona Marietta Frazão com o senhor Othilio Tavernard? Estará certo dizer-se que a morte é alguma coisa de definitiva neste como em outros casos?

O poeta Antonio Tavernard este pode dizer, nas palavras que escreveu, fazendo sua a experiência que foi de Antonio de Nazaré Frazão Tavernard: "estou vivo e carrego em mim toda a realidade possível". E o dirá através de sua poesia, de sua ficção e do seu teatro. O poeta sobreviveu ao homem, transformando a terrível doença e o exílio no fundo da própria casa do doente em obra de arte. Poetizou,

para sempre, a amargura menos poética, tornando sólida uma prosa em que parece rir da própria desgraça.

Vem de longe, vem da Idade Média geralmente tão ridicularizada e tratada com desprezo, e foi uma época terrivelmente complexa, de que onde surgiram a filosofia escolástica e a arquitetura gótica, a certeza de que há necessidade, para bem compreender um texto, de múltipla leitura. Ocorre com o que Antônio Tavernard criou – dos poemas de **Místicos e Bárbaros**, que li em edição póstuma de 1953, aos contos (1930) de **Fêmea**, passando pelas

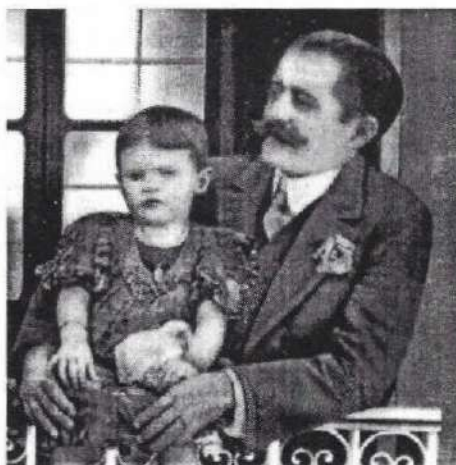
peças teatrais, da comédia **A Casa da Viúva Costa** – versos como os de **Foi Boto, Sinhá, Fim de Carnaval, Têm pena da Nega, Romance e Matinta-Perera** ganharam melodia de Waldermar Henrique – a revistas como **Parati e Seringadela**, montadas na década de 30 por estudantes universitários de Direito e de Medicina.

Na verdade, e nem Cristo respondeu o que isso quer realmente significar ao ser

acossado por Pilatos, a fisionomia literária de Tavernard conserva o ar e o clima da variedade por entre a lágrima e o riso. Fez do mal que o acometia, enquanto pessoa, personagem, num esforço para olhá-lo sem outra volúpia que não a humana. O estético mora nesse esforço e não no fato de existir o mal. Chorava quando o desespero batia em excesso; então ria da felicidade que jamais teve ou teria, sem voluptuosidade, na gargalhada sóbria de quem ri da inutilidade do ser em face do sofrimento, sabiamente.

Fala-se muito ou até demais na simplicidade da poesia do autor de **Para Que?** Não creio que isso represente o ideal poético por excelência, já que simplicidade em demasia resvala para simplismo ou dá em simplório. Isso é fatal.

Espontâneo o poeta? Há quem garanta por



ou o desafio do Texto

“... estive sempre perto de teu reino”

Jurandir Bezerra

causa dos versos musicados por Waldemar Henrique. Bobagem. A mim dão sensação, tais versos como Waldemar os musicou, de ótimo senso de humor, isto sim:

*“Minha santa donzela
De roupa amarela
Que encanto que tu é!”*

Sabia o poeta, deliciado e divertido como só ele, que:

*“O boto não dorme
No fundo do rio”.*

Na contagem das coisas, o público, geralmente, é mau juiz, e a excepcional vendagem dos livros de Paulo Coelho, vindo a seguir Lair Ribeiro, não me deixa mentir.

Poesia não é sentimentalismo à solta. E, em se tratando do criador de **Uma Voz, Um Destino**, se faz processo lírico numa mecânica racional e intelectual de quem usa a palavra como matéria prima e não, apenas, como veículo inerte e passivo. Existe uma astúcia por trás desse processo, que é intencional e valoriza o mecanismo do canto indissociavelmente ligado à sensibilidade de artista. Tavernard o entendeu, e sua poética padece dessa tortura formal da arte, ainda que ele se sentisse um instintivo na hora de criar. Não foi. Ao poetizar sua tragédia, engendrou-se artisticamente, dando densidade rítmica e técnica aos sentimentos postos no papel.

Talvez uma das raras vitórias do idioma poético paraense antes do que se convencionou qualificar de Modernismo, é fato que a poesia de Antonio Tavernard se constituía numa admirável conquista poemática mesmo em face do **Batuque** de Bruno de Menezes e da construção clássica de um Alonso Rocha ou um Ápio Campos. No remanço de nossas letras, vê-se, nele, considerável força por

entre o exuberante e a compostura, em meio a aparato estilístico nada desprezível.

E esse aparato, mais nos versos, entretanto também na prosa inclusive sob o aspecto ficcional, igualmente no teatro, explica, define e justifica a posição singular que o escritor ocupa na literatura do Pará para além da circunstância de tratar-se de um hanseniiano.

Claro que da introdução aqui tentada ficam fora os inéditos do poeta e (os contos de **Almas Tropicais** afora o romance **Os Sacrificados**) do ficcionista de que tenho tão só notícia. E sem ler, portanto sem conhecer, como saber criticamente? Não cabe ao crítico, que deve se pautar pela seriedade e a honradez, ou não o seria, trabalhar sobre o “ouvir dizer” e “li em algum lugar”, O trabalho crítico tem que ser feito em cima da leitura.

A verdade pode ser “o que vive oculto” – porém linguagem ela, acredito piamente, será. Mesmo porque tudo é linguagem. E fomos feitos por ela, nomeados pela palavra que nos cria a cada dia, e só a Palavra o que, no fundo, nos interessa.

Fecho com uns versos de Antônio Tavernard. Antes, lembrando que foi ele, por sua vez, pelo que noto, crítico literário, tendo-o sido nas resenhas, que infelizmente não li, publicadas na revista *A Semana*; era uma secção, *Do Que Leio E Penso*, que *AT* manteve de 1933 a 1935. Quando o resenhista morreu, em 1936, tinha eu dois anos de idade, nascido em 1934.

Pois encerro com uns versos dele, o poeta a vaticinar a morte enfim a caminho:

*“E o poeta morreu, Morreu sozinho.
Rosa sem haste, pássaro sem ninho.
Pela janela entrava a noite triunfal.
E, morto, ele sorria, como quando,
ia, criança, as pálpebras cerrando
no colo maternal”.*